

Décimo Primeiro Aniversário do Conselho Nacional de Geografia

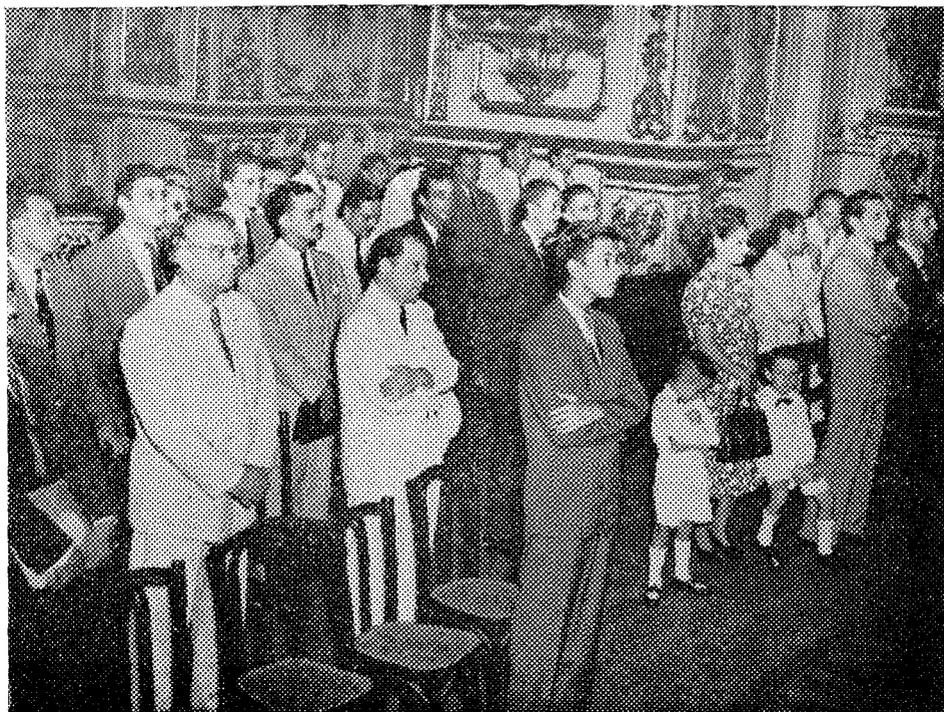
A data de 24 de março do corrente assinalou a passagem do décimo primeiro aniversário da criação do Conselho Nacional de Geografia, órgão de orientação e coordenação geográfica no País cujas atividades, desde sua criação pelo Decreto n.º 1527, de 24 de março de 1937, vêm-se avolumando cada vez mais, dentro dos modernos métodos da Geografia. Com um quadro de funcionários especializados, e um sistema de organização adequada às suas diversas atividades, tem o Conselho realizado empreendimentos de vulto no campo da ciência geográfica. Dentre estes é necessário salientar a confecção da carta geográfica do Brasil na escala de 1:1 000 000, já tendo sido lançadas cerca de oito folhas preparatórias, todas organizadas e desenhadas pela Divisão de Cartografia do Conselho. Outros empreendimentos de vulto têm ocorrido como sejam: operações astronômicas, geodésicas e aerofotogramétricas, para determinação de coordenadas geográficas, de triangulação etc... No setor da Geografia, tem o Conselho mantido um ritmo constante, quer em pesquisas de gabinete, quer no campo, onde turmas de geógrafos orientados por cientistas

e técnicos de nomeada universal, realizam pesquisas *in loco*, enriquecendo assim os conhecimentos dos nossos geógrafos, ao mesmo tempo que contribuem com dados novos para o melhor conhecimento do nosso território.

No campo cultural, sua contribuição também tem sido valiosa. Mantém constante intercâmbio com entidades congêneres de outros países do continente e europeus, com a finalidade exclusiva de trabalhar em prol do desenvolvimento dos conhecimentos da ciência geográfica e correlatas.

Como veículo de divulgação científica, mantém uma série de publicações como: *Revista Brasileira de Geografia*, *Boletim Geográfico*, periódicas, além da série da "Biblioteca Geográfica Brasileira", já com cerca de oito volumes publicados.

A solenidade festiva do décimo primeiro aniversário do C.N.G., constou de uma missa celebrada às 10 horas na Catedral Metropolitana, realizando-se às 14 horas a instalação da Divisão de Geografia, do Serviço de Geografia e Cartografia. Após este ato foi servida aos convidados e funcionários presentes, uma mesa de doces, tendo falado,



Aspecto tomado no recinto da Catedral Metropolitana, por ocasião da missa votiva celebrada pela passagem do décimo primeiro aniversário do C. N. G.

nesta ocasião, o Eng.^o CHRISTOVAM LERTE DE CASTRO, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, e o Dr. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, coordenador de Geografia, cujo discurso transcrevemos abaixo:

“Estamos aqui reunidos para celebrar uma data que nos é particularmente cara: o aniversário do Conselho Nacional de Geografia, a nossa casa de trabalho.

Se lembrarmos o início do Conselho, cuja Secretaria-Geral nasceu de uma pequena Secção do Ministério da Agricultura e considerarmos o seu crescimento até hoje, contemplando tôdas as etapas que lhe marcaram o desenvolvimento, sentimo-nos possuídos de legítimo orgulho e regozijo.

Os 3 últimos anos, entretanto, constituíram a fase de transição e de preparação. Muitos dos seus funcionários foram enviados ao estrangeiro, para realizar estágios de aperfeiçoamento em universidades. O quadro sofreu também ampliações progressivas, com o recrutamento cuidadoso de novos técnicos, quase todos licenciados por faculdades de filosofia.

Durante êsse período, todos reconhecíamos ser necessário que a Divisão irmã, a de Cartografia, tomasse a dianteira e se aparelhasse devidamente. Os recursos do Conselho não permitiam a instalação simultânea das duas Divisões, e assim a Geografia teve que aguardar a sua oportunidade, enquanto observava com o máximo interesse



O Eng. Christovam Lerte de Castro pronuncia breve oração, no momento da instalação da Divisão de Geografia do C. N. G.

Mais uma etapa se inicia agora, com a instalação oficial da Divisão de Geografia, do Serviço de Geografia e Cartografia.

Se considerarmos esta Divisão, vemos que, dentro do Conselho, ela também tem já a sua história, resultando do desdobramento de uma das Secções da Repartição Central do Conselho, a Secção de Estudos Geográficos, criada há 9 anos. Por êsse desdobramento, realizado em 1945, surgiram mais 5 Secções, as Secções Regionais que, com a Secção de Estudos, compõem atualmente a Divisão.

o progresso da Cartografia. Sempre estivemos sobretudo interessados na obra do Conselho, em seu conjunto, sem qualquer espírito particularista. Era, além disso, do nosso próprio interesse que a Cartografia progredisse rapidamente, pois os mapas são nossos instrumentos de trabalho.

Já era tempo, entretanto, que também a Geografia se pusesse em movimento.

A nova fase de trabalhos não se caracteriza, entretanto, apenas pelas novas instalações materiais, que hoje se inauguram. Desde o ano passado,

iniciamos, de maneira intensiva, os trabalhos de campo, em vez de nos limitarmos a compilações. Sempre e cada vez mais — na estreita dependência, entretanto, dos recursos materiais e sobretudo dos de transportes — o trabalho geográfico será feito no campo, segundo pesquisas *in loco*.

Isso não significa que não continuemos a fazer compilações, pois não partimos do zero, e devemos aproveitar tôdas as contribuições valiosas anteriores. Muitos estudos de valor foram realizados por eminentes exploradores no passado e são ainda hoje empreendidos por cientistas e diversas instituições. A compilação, todavia, se reúne contribuições e torna-as utilizáveis, não faz avançar a ciência. Só a pesquisa *in loco* tem como resultado novas aquisições para o conhecimento geográfico do território.

As novas instalações da Divisão de Geografia, que ora se inauguram, representam grande confiança em nosso trabalho, da parte da direção do Instituto e em especial do secretário-geral do Conselho e diretor do Serviço de Geografia e Cartografia, nosso querido chefe Eng.º CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO. Temos perfeita consciência da nossa responsabilidade, em face do que se espera de nós. Compreendemos perfeitamente que a todo esse esforço, a esse sacrifício financeiro, da direção, teremos de corresponder com uma realidade concreta: produção. Produção abundante, produção boa.

Estamos satisfeitos e cheios de entusiasmo, certos de que apresentaremos melhor rendimento, em nosso novo ambiente de trabalho. Só pedimos agora que nos seja dado aqui permanecer, ao menos por um tempo razoavelmente longo. A sensação de estabilidade é condição essencial para o bom rendimento de trabalho.

Como coordenador de Geografia, cabe-me a responsabilidade, perante a direção do Serviço de Geografia e Cartografia, da orientação científica dos estudos geográficos. Parece-me, pois, oportuno, expor as linhas mestras que seguiremos em nosso trabalho, apresentar os princípios doutrinários que nos servirão de guia.

O espírito que nos anima a todos, desde os geógrafos-auxiliares menos graduados até os chefes de Seção e o coordenador, é o de uma visão ampla dos objetivos e dos métodos do trabalho geográfico. Combatemos toda visão estreita, toda subordinação rígida a qualquer escola.

Não vemos, aliás, uma razão lógica, nem também vantagem alguma, em manter qualquer idéia exclusivista sobre métodos. Por que, por exemplo, lançar a Geografia Regional contra a Geografia Geral, também chamada

Geografia Sistemática? Haverá de fato um dualismo irreconciliável na ciência geográfica?

Há, não há dúvida, um dualismo de métodos, na Geografia Regional e na Geografia Sistemática, mas tais métodos são complementares. Uma Geografia não vive sem a outra.

Têm surgido algumas tendências para hipertrofiar o uso do método regional, relegando a papel secundário o método sistemático, como se este correspondesse a uma fase antiga da Geografia, já há muito ultrapassada. As duas modalidades da Geografia têm, entretanto, evoluído desde tempos remotos, com maior desenvolvimento ora de uma, ora de outra, conforme demonstra DE MARRONNE, na magistral introdução ao seu *Tratado de Geografia Física*.

Já na antigüidade, os geógrafos gregos praticavam quer a Geografia Regional, quer a Geografia Sistemática. A primeira desenvolveu-se quase que ininterruptamente, até os nossos dias. A segunda, entretanto, dependendo muito mais das ciências especializadas ou sistemáticas, teve seus hiatos, que corresponderam perfeitamente às crises que afetaram o desenvolvimento da ciência em geral.

O grande surto da Geografia Sistemática marcou a fase atual, que chamamos a da Geografia Moderna, obra indiscutível de dois gênios — HUMBOLDT e RITTER. Foi igualmente em consequência desse surto da Geografia Sistemática que a Geografia Regional pôde afinal tomar também um caráter científico.

Há atualmente uma admirável floreação de estudos regionais, que atingiram o seu maior grau de aprimoramento em França, com VIDAL DE LA BLACHE e seus discípulos. Há um grande esforço nos Estados Unidos para o desenvolvimento desses estudos com métodos que se podem ainda considerar na fase experimental, mas também com muitos desvios que já começam a preocupar esclarecidos geógrafos americanos.

A experiência utilíssima que tiveram os profissionais dos Estados Unidos quando foram chamados a prestar auxílio ao esforço de guerra, revelou muitas deficiências, que ora estão sendo apontadas. O excelente trabalho de EDWARD A. ACKERMAN, professor da Universidade de Harvard, ("Treinamento geográfico, pesquisa em tempo de guerra e objetivos profissionais imediatos", recentemente transcrito no *Boletim Geográfico*, n.º 55), é um verdadeiro brado de alarma diante de certos rumos que tem tomado a Geografia americana nos últimos tempos. Não temos dúvida em afirmar que tal trabalho representará um papel importantíssimo na evolução da ciência geográfica

americana, forçando a uma necessária retificação de rumos. Dentre as causas principais das deficiências verificadas, apresenta ACKERMAN o relativo abandono do cultivo da Geografia Sistemática e a excessiva ênfase dada à Geografia Regional.

Nada mais expressivo que a sentença de RICHARD HARTSHORNE, o grande mestre da metodologia geográfica moderna, quando afirma que "a Geografia Regional em si mesma é estéril" quando não é continuamente fertilizada pelos "conceitos genéricos e princípios da Geografia Sistemática". Mas, por

recíprocas. Na segunda, estudamos sucessivamente cada fenômeno; mas, ao assim fazer, não tratamos de cada um isoladamente e sim em relação a todos os outros. O fenômeno estudado é apenas o centro de interesse, o *leit motiv* do estudo.

Em Geografia Sistemática fazemos análise. Em Geografia Regional fazemos síntese. Mas para chegar à síntese regional, temos sempre que efetuar a análise sistemática.

Eis por que não somos exclusivistas e damos o devido valor a ambos os métodos da ciência geográfica.



Aspecto da mesa que dirigiu as solenidades de instalação da Divisão de Geografia, vendo-se da esquerda para a direita: Profs. HILGARD STERNBERG, ALÍRIO DE MATOS, FÁBIO DE MACEDO SOARES GUILMARÃES, Eng. CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO, Prof. LEO WAIBEL, Eng. FLÁVIO VIEIRA e Cel. FREDERICO RONDON.

outro lado, "apenas mantendo constantemente as suas relações com a Geografia Regional, é que a Geografia Sistemática pode conservar seu objetivo como Geografia e não desaparecer dentro das outras ciências".

Uma, por conseguinte, não vive sem a outra. Ambas se completam. Se me permitem uma analogia matemática, direi que a Geografia Regional corresponde a uma equação sob a forma implícita, ao passo que a Geografia Sistemática corresponde à forma explícita.

Na primeira, consideramos juntamente todos os fenômenos que caracterizam uma região, em suas relações

Desejo observar que em tôdas as considerações anteriores dei preferência à denominação "Geografia Sistemática", em vez de "Geografia Geral", que é mais usada entre nós. Em trabalho que espero publicar posteriormente darei as razões dessa preferência dentre as duas denominações, que não me parecem ser realmente sinônimas. Quanto à expressão "Geografia Tópica", parece-me ser absolutamente inadequada, pois que o termo "tópico" (derivado de topos = lugar) significa mais propriamente "local".

Assunto da maior importância é o que se refere aos objetivos dos estudos geográficos.

Todos estamos convictos da utilidade da nossa ciência, e desejamos colocá-la a serviço do homem. No caso das atividades do Conselho Nacional de Geografia, órgão da administração pública, teremos de colocar a Geografia a serviço da administração.

Nossas atividades referem-se por conseguinte, à chamada ciência aplicada. Mas, para se fazer ciência aplicada, é necessário *ter o que aplicar*. Não vemos, por isso, nenhum antagonismo entre ciência pura e ciência aplicada.

Todos os que se dedicam à pesquisa científica sabem que a melhor maneira de chegar-se a resultados práticos é libertar-se do imediatismo, e aplicar-se ao trabalho científico em toda a sua pureza. Ter-se-ia chegado à bomba atômica se, desde o início das pesquisas, ela fosse o objetivo imediato? Todos sabem que não. Sem a longa seqüência de pesquisas sobre a física nuclear, que a princípio tinham a aparência de puras especulações, devaneios de sábios, nunca se teria chegado aos resultados práticos.

Se queremos fazer ciência aplicada, temos sempre que começar por tratar os problemas de modo teórico, com a tão malsinada "atitude acadêmica".

A pesquisa científica exige, para dar frutos, que o estudioso se aplique ao trabalho com certo estado de espírito, livre de preocupações imediatistas. É necessário que ele se apaixone pelo trabalho em si mesmo. Só assim se cria um ambiente propício à imaginação criadora.

Justamente para que sejamos úteis, práticos, é que não devemos combater os estudos teóricos, a chamada ciência pura, e nem mesmo a atitude acadêmica.

Temos já exemplos magníficos de antigas instituições nacionais que se constituíram centros de ciência, do melhor quilate, e que por isso mesmo chegaram a dar resultados práticos do mais alto valor. Lembremos apenas o antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil ou o Instituto de Mangueiros. Fazer da Divisão de Geografia tal centro de pesquisas e de amor à ciência é o sonho de todos nós.

Ainda no campo da Geografia a serviço do homem, cabem considerações a respeito do valor dos seus dois métodos. A Geografia Regional é útil, especialmente à administração, sempre que fôr necessário caracterizar bem as regiões onde os administradores projetem exercer a sua ação. Mas a Geografia Sistemática não é menos útil e tal utilidade se manifesta ainda com maior freqüência, sempre que a administração pretende resolver problemas determinados.

Tivemos no ano passado dois exemplos de tarefas tipicamente de Geografia a serviço da administração e nas quais ambos os métodos tiveram a sua aplicação.

Nos estudos geográficos que foram empreendidos como subsídios para a solução do problema da localização da nova capital, dois aspectos básicos tiveram de ser considerados: posição e sítio. O estudo da posição, que é o aspecto mais importante, é feito sobretudo com aplicação de princípios da Geografia Sistemática. Já o sítio constituiu antes um problema de Geografia Regional.

A segunda tarefa referiu-se ao problema da colonização, que é essencialmente um assunto de Geografia Sistemática. Mas os estudos de Geografia Regional são também indispensáveis, para a caracterização das regiões propícias à colonização.

A organização da Divisão de Geografia permite perfeitamente uma atitude eclética. Há campo para ambos os métodos, como há campo para a pesquisa científica pura e para a ciência aplicada.

Se as cinco Secções Regionais estão destinadas a realizar trabalhos de Geografia Regional, caberá à Secção de Estudos dedicar-se à Geografia Sistemática. Podemos desde já prever que a Secção de Estudos deverá de futuro desdobrar-se em setores relativos a especializações em Geografia Sistemática.

Muito se tem discutido a respeito da especialização em Geografia. Levados por considerações estritamente lógicas, a respeito da natureza da Geografia, chega-se à conclusão de que só é legítima a especialização segundo regiões. Mas se atendermos a considerações mais práticas, sobretudo levando-se em conta a realidade da natureza humana, teremos que aceitar também a especialização sistemática. É desaconselhável, e mesmo inútil deixar de reconhecer a presença de tendências, de vocações individuais. Uns têm maior pendor para a Geomorfologia, outros para a Climatologia, outros para a Biogeografia ou para a Geografia Humana. Dirão que esses especialistas deixarão de ser geógrafos, e que tal especialização quebra a unidade da Geografia. Não, entretanto, se cada um, ao tratar dos fenômenos de sua especialidade, tiver sempre em vista as relações desses fenômenos com os outros. Antes de tornar-se um especialista, o geógrafo (como aliás qualquer cientista) precisa ter uma sólida base no conjunto da sua ciência.

O mesmo se poderá, aliás, dizer dos especialistas regionais. Nenhum poderá dedicar-se prematuramente, e de modo

exclusivo, ao estudo da respectiva região. Sem comparação não há Geografia. O especialista regional deverá ter assim um prévio conhecimento básico das outras regiões.

Tudo isso significa que não nos podemos prender rigidamente aos esquemas funcionais. Todo geógrafo regional deve ter oportunidade de conhecer as diversas paisagens brasileiras (e o ideal também seria o conhecimento das estrangeiras). Todo técnico da Secção de Estudos terá também que realizar trabalhos de campo, sem o que nunca se tornará um verdadeiro geógrafo.

E' difícil conciliar todos êsses imperativos com os esquemas funcionais; mas importam muito mais os resultados a atingir do que o rigorismo burocrático.

A Divisão de Geografia não é só uma casa de trabalho, mas também uma escola. Todos nós seremos eternos estudantes, todos estamos convencidos do muito que nos falta conhecer, quer no domínio da ciência geográfica em si mesma, quer no campo das realidades do território brasileiro.

Estamos sempre aprendendo, com o estudo individual e com os próprios trabalhos que vamos realizando. Aprendemos uns com os outros, num sadio espírito de trocas de idéias e conhecimentos adquiridos.

Muito devemos, em especial, aos ilustres professores estrangeiros, grandes mestres de renome mundial, como os professores FRANCIS RUELLAN e LEO WAIBEL, que dedicam o melhor do seu saber e dos seus esforços ao progresso da Geografia brasileira. Somos felizes por tê-los entre nós e desejamos que aqui permaneçam o mais longamente possível. Receberemos ainda a visita de outros mestres estrangeiros, que realizarão estágios no Conselho, como seja o professor CLARENCE JONES, esperado para princípios de abril próximo.

Desejo agora dar uma idéia sumária dos nossos planos de trabalho para o corrente ano. Numerosas são as tarefas que teremos de realizar, de campo e de escritório, excepcionais e de rotina, sendo assim muito longo enumerá-las tôdas. Permitti-me apenas salientar quatro realizações de maior vulto, duas predominantemente de Geografia Sistemática e duas de Geografia Regional.

A primeira tarefa consiste na elaboração dos relatórios finais das duas expedições geográficas ao Planalto Central, como subsídios aos estudos sôbre a localização da nova capital. Somos francamente favoráveis à mudança da sede do Governo, de acôrdo com o que determina a Constituição. Mas se tal não se realizar, que fiquem pelo menos completados os estudos, como uma contribuição da Geografia ao conhecimento



Aspecto da mesa de doces que foi oferecida aos presentes

do nosso território, a qual possibilitará a organização de planos racionais para o desenvolvimento do nosso *hinterland*.

Outra realização que será este ano continuada com maior intensidade refere-se aos estudos sobre colonização, como subsídios para o *Atlas Geral da Colonização do Brasil*. Os trabalhos de campo se desenvolverão em sete regiões, três no Sul, duas no Leste e duas no Centro-Oeste, com a participação de grande número dos técnicos da Divisão.

As outras duas tarefas, mais relacionadas com a Geografia Regional, serão realizadas em duas regiões brasileiras cujo estudo se impõe na atualidade, por força de disposições da Constituição: a Amazônia e o vale do São Francisco. Os estudos sobre a Amazônia estarão a cargo da Secção Regional do Norte; os do vale do São Francisco caberão às Secções Regionais do Nordeste e do Leste.

Todas as Secções Regionais estarão, pois, em plena atividade durante o ano corrente.

A Divisão terá também que preparar contribuições condignas para dois grandes certames internacionais: o Congresso Internacional de Geografia em Lisboa e a 1.^a Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia no Rio de Janeiro, aquêle em setembro deste ano e esta em princípios de 1949.

Prosseguirão ainda os estudos de gabinete, com mapas e textos interpretativos, sobre distribuição da população, da produção agropecuária, da propriedade rural, sobre clima e vegetação e os referentes à divisão territorial do país nas datas dos diversos recenseamentos.

A Divisão de Geografia deverá ainda contribuir com artigos e comentários para a *Revista*, o *Boletim* e outras publicações do Conselho, bem como com informações e pareceres consequentes a consultas que são enviadas das fon-

tes mais diversas e ainda com numerosas tarefas de rotina que deixo de salientar.

Grandes são, por conseguinte, os encargos da Divisão de Geografia. Nossa tarefa será árdua, sem dúvida, mas gloriosa e fascinante. O corpo de funcionários da Divisão é composto de jovens, todos apaixonados pela ciência geográfica e justamente ambiciosos de fazer carreira dentro do Conselho e conquistar um renome elevado à custa de trabalho e de estudo. Todos queremos contribuir para o prestígio do Conselho, ao mesmo tempo que estaremos realizando obra do maior valor para o progresso do nosso país.

O Conselho Nacional de Geografia é o único instituto oficial de pesquisa geográfica no mundo. É uma grande experiência que se realiza. Os geógrafos estrangeiros olham ansiosos para o nosso trabalho, pois do êxito dessa experiência depende o futuro da Geografia em seus próprios países.

Meus caros companheiros da Secção de Estudos e das Secções Regionais. Temos trabalhado juntos, em perfeita harmonia de idéias e de sentimentos, numa admirável conciliação das regras da disciplina e da hierarquia com uma espontânea e simples camaradagem, criando-se assim uma sólida unidade. Estou certo de que o mesmo espírito será mantido, para o futuro, nas relações de uns para com os outros. Muito já realizamos e tudo isso graças à dedicação e à competência de todos vós. Mas muitíssimo teremos de realizar ainda, cada vez com maior intensidade. Grande é a minha responsabilidade perante a direção do Conselho, mas essa responsabilidade não me intimida, pois tenho plena convicção de que não estou sozinho, e que posso contar com cada um de vós. Sei que não haveremos de desapontar os que tanto esperam de nós e, em especial, que não iremos desmerecer da confiança que em nós foi depositada pela direção desta casa."

Curso de Aperfeiçoamento de Professôres Secundários

No período de 12 de janeiro a 23 de fevereiro do corrente ano realizou-se nesta capital mais um curso para professores secundários, organizado pela Faculdade Nacional de Filosofia, com a colaboração do Conselho Nacional de Geografia. Além de concorrer para o seu financiamento e pôr à disposição dos alunos suas instalações e serviços técnicos, o Conselho ofereceu sete bolsas de estudos para professores dos Estados.

Inscreveram-se trinta e sete professores no Curso de Geografia, procedentes das seguintes unidades da Federação: Território do Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo; desses, vinte e nove prestaram exames, dos quais vinte e sete foram aprovados.

As aulas estiveram a cargo dos seguintes professores: *Geografia Física*